





Frida Kahlo

Frida Kahlo
Uma biografia

María Hesse



Tradução de
LUCÍLIA FILIPE



*Para o Alfonso,
fazes de mim uma pessoa melhor.*

*Emparedar o próprio sofrimento
é arriscar a que nos devore
por dentro.*

Frida Kahlo



Introdução

Quando tanto já se escreveu sobre Frida Kahlo, porquê voltar a fazê-lo?

Parece que todos nós conhecemos a Frida Kahlo. Bom, pelo menos todos temos uma imagem mais ou menos definida da personagem e da artista. Deixou-nos um vasto património do que foi a sua vida, através de entrevistas, de cartas, do seu diário e, evidentemente, da sua obra. Mas, por muito que saibamos, por muito que tenhamos lido, por muito que estudemos a sua obra, dá a sensação de que só conhecemos uma parte da sua vida e do que lhe passava pela cabeça.

A Frida adornava as histórias, a Frida inventava, a Frida dizia a verdade, a Frida contradizia-se, sobretudo, porque mudava a sua versão das coisas de uma carta para outra, conforme o momento da vida em que se encontrava. Vivendo sempre nos extremos, passando do colorido ao negro, da felicidade à mais profunda tristeza, do riso e do canto, com que gostava de chamar a atenção, ao silêncio e à solidão do estúdio, onde pintava mergulhada na mais profunda angústia. Mas isso não importa, é aí que reside o encanto de Frida Kahlo. Não interessa como as coisas se passaram exactamente. O que realmente importa é como ela sentia as coisas e disso podemos, de facto, fazer uma ideia.

Este livro não trata da sua vida real, nem da que a Frida inventou. É antes uma mistura de ambas, porque creio que em alguns aspectos da sua vida a realidade é mais interessante do que a ficção. Porém, noutros momentos, preferi respeitar a verdade que ela nos quis contar.

Dito isto, resta-me dar-te um conselho: se queres conhecer o mais autêntico dela, perde-te em cada um dos seus quadros, onde foi deixando pequenas mensagens sobre a pessoa que foi. Nas suas pinturas reside a verdadeira Frida.

Frida Kahlo



*Pinto-me a mim própria,
porque sou quem conheço melhor.
Nunca pinto sonhos ou pesadelos.
Pinto a minha própria realidade.*

O meu nome é Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón e nasci a 6 de Julho de 1907, em Coyoacán.

Desde que nasci, tive de lutar contra uma doença que marcou toda a minha vida. Há quem diga que foi a poliomielite, mas, na verdade, sofria de espinha bífida.

1925

*A vida insiste
em ser minha
amiga e o destino
meu inimigo.*

A 17 de Setembro, o autocarro onde viajava chocou com um eléctrico. Fiquei gravemente ferida e estive às portas da morte.



1929

*Queria dar-te
tudo o que nunca
tiveste e, nem
assim, saberias
a maravilha que
é amar-te.*

A 21 de Agosto casei com o Diego Rivera.



1931-1934

*Temos de ser
sinceros, sem dor
as mulheres não
podem viver.*

O Diego e eu mudámo-nos para os Estados Unidos. Ali sofri o meu segundo aborto. Sentia muitas saudades do México.



1935

A única coisa boa que tenho é que começo a acostumar-me a sofrer.

Regressámos ao México. O Diego envolve-se com a minha irmã.



1937

O homem é dono do seu destino e o seu destino é a terra, mas ele próprio está a destruí-la até ficar sem destino.

Acolhemos Trotski no seu exílio. Inevitavelmente, tenho um romance com ele.



1939

Eles pensavam que eu era surrealista.

Exponho em Paris. Os franceses fazem-me uma grande recepção.

1939

Na minha vida, sofri dois acidentes graves, um em que um autocarro me atirou por terra... O outro acidente foi o Diego.

O Diego pede-me o divórcio.



1940

Bebia para afogar as mágoas, mas as malvadas aprenderam a nadar.

Depois do assassinio de Trotski sou interrogada. O meu estado de saúde e a minha tristeza agravam-se. Após poucos meses de separação, o Diego e eu voltamos a casar.



1947-1951

Pés, para que vos quero, se tenho asas para voar!

Começa a aventura de inúmeras operações.



1953

Doutor, se me deixar beber esta tequila, prometo não beber no meu funeral.

Em 1953, a perna direita é amputada.

Organiza-se a minha primeira exposição no México. O médico não me deixa sair da cama. Cumprindo as suas ordens, vou nela à inauguração.

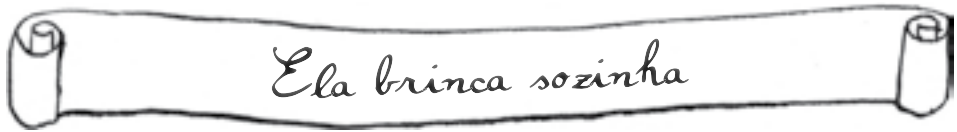
1954

Espero que a partida seja serena e espero nunca mais voltar.

Tenho apenas 47 anos, mas o meu corpo já está cansado de tanta dor. Todo o sofrimento tem o seu fim.







Ela brinca sozinha



Chamo-me Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón. Nasci a 6 de Julho de 1907, em Coyoacán, mas sempre gostei de dizer que o meu nascimento foi em 1910, não pela vaidade de roubar na minha idade, mas porque nesse ano começou a Revolução Mexicana e eu sou revolução.





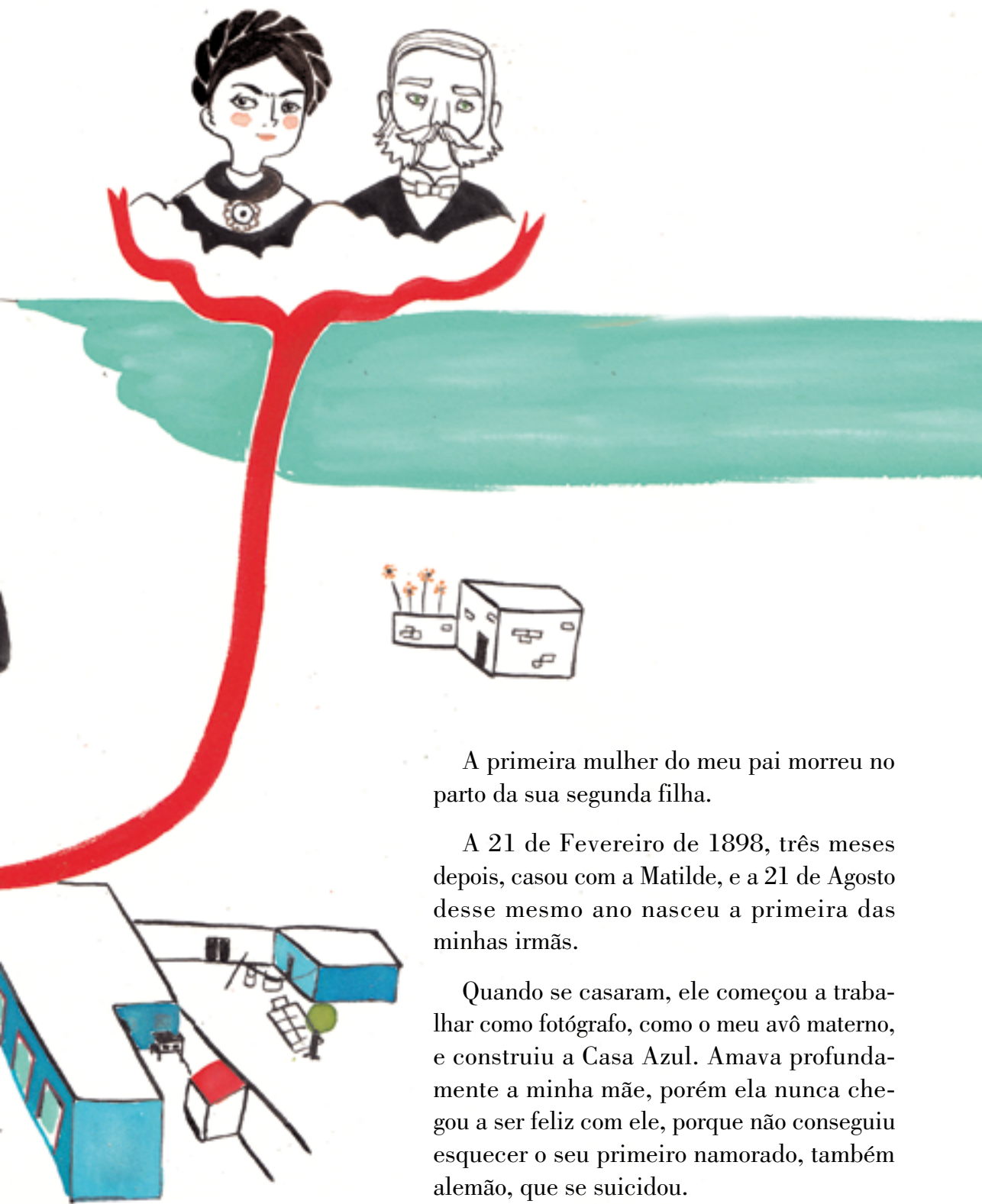
A minha mãe era uma mulher baixinha,
de olhos muito bonitos, de boca muito fina e morena.
Era um sininho de Oaxaca. Muito simpática,
activa e inteligente. Não sabia ler nem escrever,
só sabia contar o dinheiro.



O meu pai, Guillermo Kahlo, era interessante, movia-se e caminhava com bastante elegância. Era calmo, laborioso e corajoso. Era inteligente e fino, corajoso porque, durante anos, sofreu de epilepsia, mas nunca deixou de trabalhar.

Guillermo Kahlo emigrou com 18 anos da Alemanha para o México. Casou-se com María Cardeno Espino e, durante algum tempo, trabalhou numa joalheria. Foi aí que conheceu a minha mãe, Matilde Calderón.





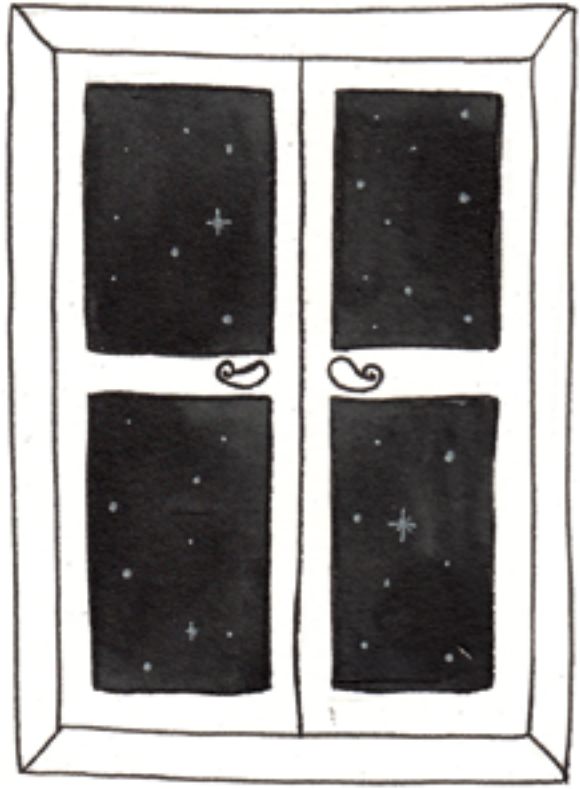
A primeira mulher do meu pai morreu no parto da sua segunda filha.

A 21 de Fevereiro de 1898, três meses depois, casou com a Matilde, e a 21 de Agosto desse mesmo ano nasceu a primeira das minhas irmãs.

Quando se casaram, ele começou a trabalhar como fotógrafo, como o meu avô materno, e construiu a Casa Azul. Amava profundamente a minha mãe, porém ela nunca chegou a ser feliz com ele, porque não conseguiu esquecer o seu primeiro namorado, também alemão, que se suicidou.



Matilde



Eu

Eu fui a terceira de quatro irmãs. A Cristina, a minha irmã mais nova, nasceu apenas onze meses depois. Fomos sempre grandes amigas.

As filhas que o meu pai teve com a sua primeira mulher foram enviadas para um colégio interno pouco tempo depois de ele ter casado com a minha mãe, por isso, mal tive contacto com elas.

Aos sete anos, ajudei a Matilde, que tinha quinze, a fugir com o namorado para Veracruz. A Matita era a preferida da minha mãe e a sua fuga deixou-a histerica... Quando a Mati fugiu, o meu pai não disse nem uma palavra.

Só voltámos a vê-la quatro anos depois.



Cristina

Adriana

Quando era pequena, batejava na janela do que era então o meu quarto e, com o dedo, desenhava uma porta. Imaginava-me a sair por essa porta com grande alegria e premência.

Atravessava toda a planura que se avistava, até chegar a uma fábrica de laticínios, que se chamava PINZÓN. Entrava pelo O de Pinzón e descia impetuosamente ao centro da terra onde a minha amiga imaginária me esperava sempre.

Era alegre e ria-se muito sem emitir som. Não me lembro do seu rosto. Era ágil e dançava como se não pesasse nada. Eu acompanhava-a em todos os movimentos e, enquanto ela dançava, contava-lhe todos os meus problemas reais. Quais? Não me lembro.

The word 'PINZÓN' is written in large, bold, black, hand-drawn letters. The letter 'P' has a small circle above it. The letter 'O' is decorated with several small yellow dots. At the base of the letters, there are small blue tufts of grass. To the left of the 'I' in 'PINZÓN', there is a simple line drawing of a milk can with a handle and a spout.

